

Um sanitarista geneticamente consistente



O presidente Lula discursa na solenidade de posse, observado por Temporão, Agenor Álvares e Dima Roussef

Antônio Cruz / ABr



novos ministro da Saúde, José Gomes Temporão, é um genuíno representante da geração de sanitaristas formados pela Fiocruz. Pesquisador-titular licenciado da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp) da Fiocruz, sua última função na Fundação foi a de ser coordenador do projeto Inovação em Saúde. Mais recentemente, Temporão já atuava no Ministério da Saúde, onde ocupava o cargo de secretário nacional de Atenção à Saúde. Antes, foi presidente do Instituto Nacional do Câncer (Inca), sediado no Rio de Janeiro.

Histórico militante da reforma sanitária e do SUS, Temporão se considera um discípulo do sanitarista e ex-presidente da Fiocruz Sergio Arouca. "Sou um sanitarista geneticamente consistente", afirmou o novo ministro em mais de uma ocasião.

Entre outras funções na área da saúde, Temporão foi secretário de Planejamento do Inamps (1985/88), subsecre-

tário de Saúde do Estado do Rio de Janeiro (1991), presidente do Instituto Vital Brazil (1992/95) e subsecretário de Saúde do Município do Rio de Janeiro (2001). Consultor da Opas e da Unicef, Temporão ocupou uma vaga de conselheiro no Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro (Cremerj), foi presidente do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes) e presidente da Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Oficiais do Brasil (Alfob). Temporão é carioca, casado com a médica psiquiatra Liliane Penello (com quem tem quatro filhos) e está com 55 anos.

Os planos para o Ministério da Saúde

Na entrevista concedida ao jornalista Edmilson Silva, o novo ministro da Saúde apresenta as suas propostas para o ministério e recorda a trajetória de militante do movimento pela reforma sanitária. Temporão, que tomou posse em 16 de março, comenta também os desafios que existem para o SUS e abor-

da a regulamentação da emenda (constitucional) nº 29, que destina verbas para o setor, entre outros temas.

O senhor vê a empreitada como um desafio ou um prêmio?

José Gomes Temporão – Com certeza é mais um desafio, talvez o mais importante da minha carreira, mas também vejo como um prêmio. E isto com uma certa naturalidade, embora eu não tenha em nenhum momento buscado o cargo, imaginado que um dia eu o ocuparia, quando eu revejo a minha trajetória, desde a universidade, estes 30 anos de saúde pública, me deixam assim bastante confortável em relação a essa posição. É um prêmio sim, mas diria mais: não é um prêmio apenas para mim, mas sim para toda uma geração de profissionais de saúde, que vem, há décadas, lutando pela implantação da reforma sanitária brasileira.

Geração que chegou a ser chamada de Partido Sanitarista...

Temporão – Uma geração que veio para mudar e está mudando a história da saúde pública brasileira. Claro que, com a vinda de Saraiva Felipe (PMDB-MG) para o Ministério da Saúde, embora ele integre o grupo dos sanitaristas históricos, ele veio para a pasta como político, como deputado. Agenor (Álvares da Silva), o atual ministro, que também participou desse movimento pela saúde pública (o Movimento Sanitarista), ficou um bom tempo na interinidade. O que chama a atenção na minha indicação, primeiro é o fato de eu ser da Fiocruz, o primeiro pesquisador da Fundação a ser ministro da Saúde. Até porque, quando Oswaldo Cruz ocupou o cargo correspondente, o ministério não existia. Portanto, é um senhor desafio, mas tenho consciência e clareza do tamanho da empreitada, mas, por outro lado, sinto um conforto pelo fato de representar e integrar um grupo muito grande, composto por centenas de sanitaristas e pelos demais profissionais de saúde do meu país. Estou sendo levado a este cargo pelas mãos do presidente da República, mas não me sinto assumindo o cargo sozinho. Há toda uma história e um trabalho compartilhado por essa gente que batalha pela melhoria da saúde pública.

Que cara o SUS terá na sua gestão?

Temporão – Teremos múltiplos desafios para enfrentar, mas algumas marcas vou querer deixar. A marca da qualidade, a marca do respeito e do acolhimento, que é o termo que nós técnicos da área chamamos, mas, na realidade, é perceber em cada pessoa que procura o serviço de saúde, o SUS enfim, alguém que precisa de apoio, de atenção, de cuidado especial. A dimensão da humanização. Participação também, pois o controle social é vital para o SUS, e que essa participação não se dê apenas pela sociedade organizada como um todo, mas dos próprios funcionários e atores que são os que constroem no cotidiano o sistema de saúde. Outra dimensão que terá que ter é a do desenvolvimento, com o apoio da ciência e da inovação tecnológica, com a produção de insumos adequados para a área de saúde. Esta, especificamente, é uma área

Marcello Casal Jr. / ABR



Discípulo de Sergio Arouca, Temporão disse que assume o Ministério com um grupo que há anos luta pela melhoria da saúde pública

em que temos muito a avançar, e em que o Brasil está com um problema sério, devido ao enorme déficit setorial, que, no ano passado, ultrapassou os U\$S 5 bilhões. E nessa área, também, acho que podemos deixar uma marca importante.

O presidente da Fiocruz, Paulo Buss, ao se referir à sua escolha para ministro, exaltou a sua capacidade de se manter atualizado, pelo fato de estar, simultaneamente, na academia e no setor produtivo. Há uma terceira vertente crucial nessa história que é a questão política. Além da primazia técnica, como fica a questão política?

Temporão – Eu sou um quadro político. Essa discussão toda que está na imprensa e em que há [pelo PMDB, partido ao qual Temporão está filiado] a argumentação de que se queria indicar um político e é indicado um técnico, acho que aí havia um certo viés de que eu seria um tecnocrata. Quem conhece a minha história, sabe que não é nada disso. Participei ativamente, por exemplo, de todo o processo de luta contra a ditadura, processo em que o setor saúde desempenhou papel importante, principalmente no Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes), no

Movimento de Médicos, chamado Reme. Militei em partidos políticos. A dimensão do técnico que passa a vida inteira na militância, ocupando cargos técnicos, tem um forte conteúdo político, o de construir no Brasil um sistema de saúde universal, igualitário, equânime, de qualidade, o SUS, essa construção política e social, cuja dinâmica está apenas recém-iniciada.

Mas que, talvez, por isso mesmo, ainda é alvo de muitas críticas.

Temporão – Há muitos estudos interessantes que demonstram que os que mais criticam o SUS são aqueles que não o usam ou o utilizam eventualmente. Quando se faz uma avaliação do SUS com os usuários do sistema esta é geralmente boa. “Ah, mas nós temos problemas”, reclamam os críticos do SUS. Sim, mas temos também programas, políticas, processos reconhecidos inclusive internacionalmente.

Do que o senhor se orgulharia de ter colaborado com a sua gestão para o SUS, para a saúde pública brasileira?

Temporão – Que a população do Brasil tivesse orgulho do seu sistema de saúde e cada vez mais passasse a utilizar os serviços que o SUS oferece.



O presidente Lula assina o termo de posse. Ao seu lado, Temporão e Agenor Álvares

Domingos Tadeu / PR

Quando deixar o ministério perceber que a população brasileira respeita, acredita e aposta no aperfeiçoamento e na consolidação do SUS.

Dados recentes dão conta do uso crescente dos serviços do SUS pelos integrantes da classe média...

Temporão – Mas esse uso ainda é pequeno e muito seletivo. Ingleses e canadenses têm profundo orgulho do sistema de saúde deles. E isto acontece por quê? Porque são sistemas de saúde construídos nessa perspectiva de atender, de fato, as necessidades do país, e eles percebem nesses sistemas uma construção deles e que atende profundamente às suas necessidades enquanto cidadãos. No Brasil existe uma percepção latente, mas que ainda não está claramente definida, e que é expressa por pessoas que pensam que prestar serviços à população mais pobre é caridade e que o SUS é para atender exatamente aos mais pobres.

Hoje, o que o senhor diria ao usuário do SUS e àqueles que ainda não o usam?

Temporão – Ao primeiro, que ele pode ter certeza de que na minha gestão vai perceber no governo – e quando falo isto eu não estou me referindo apenas ao Governo Federal, já que o SUS é uma construção a três mãos da União, estados e municípios – o esforço cotidiano de melhorar a qualidade e a oferta dos serviços de saúde. E para os não usuários do sistema, que pagam seus planos de saúde, olhem para o SUS. De repente, no lado da sua casa, ao lado do seu local de trabalho tem um serviço público de saúde de alta qualidade e que você não usa, não se beneficia dele, porque você desconhece. Você pode ficar surpreendido positivamente com a qualidade daquele serviço.

Em parte, esses usuários sabem, ainda que indiretamente, dessa qualidade a que está se referindo. A política de trans-

plantes, por exemplo, é apenas uma delas...

Temporão – Além dos transplantes, há o Programa Nacional de Imunizações, os procedimentos de alta complexidade, mas muitas vezes, por mais paradoxal que possa parecer, essas pessoas não têm clareza nem consciência de que estão usando o Sistema Único de Saúde, o SUS. Imaginam que estão usando alguma benesse que apareceu na vida delas. Quando eu estava no Inca [Instituto Nacional de Câncer, do qual Temporão foi diretor], muita gente vinha me perguntar se o Inca também pertencia ao SUS. Como o Governo Federal não pode fazer propaganda do seu sistema, no sentido publicitário estrito, temos que melhorar a comunicação e a informação sobre o SUS, pois percebo que as pessoas não estão adequadamente informadas sobre o sistema público de saúde. E as pessoas precisam saber, exatamente, que tipo de serviço pode ser buscado em uma rede como a do Rio de Janeiro, por exemplo. 🌸